

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CULTURA POPULAR E TRADIÇÃO ORAL NA FESTA DE SÃO GONÇALO BEIRA RIO

Giordanna Santos¹

Resumo: Este trabalho pretende analisar as transformações culturais e sociais ocorridas na Comunidade de São Gonçalo Beira Rio, em Cuiabá, Mato Grosso; e, principalmente, observar as mudanças que aconteceram na Festa de São Gonçalo, bem como na dança de São Gonçalo e em outras danças tradicionais que fazem parte do festejo popular.

Palavras-chave: Festas – Dança de São Gonçalo – Cultura Popular – Tradição Oral

INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no projeto de dissertação “O Siriri com Tradição Cultural na Contemporaneidade”, é apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT) e orientado pelo professor doutor José Serafim Bertoloto.

A idéia deste trabalho surgiu a partir das aulas da disciplina de “Tópicos Especiais em Poéticas Contemporâneas: Por que os pigmeus fugiram de Edith Piaf: entre oralidade e escrita os (des)encontros culturais”, sob orientação do professor doutor Mário Cezar Leite. As pesquisas começaram a partir dos Seminários ocorridos durante as aulas da disciplina, por meio da bibliografia sugerida pelo professor. Em janeiro deste ano, realizei a pesquisa *in loco*, durante a Festa de São Gonçalo, que ocorreu nos dias 10 e 11 de janeiro, no bairro de São Gonçalo Beira Rio, em Cuiabá, Mato Grosso.

A observação das tradições culturais e orais na Festa de São Gonçalo ampliarão as minhas pesquisas sobre Siriri, pois isso fez com que obtivesse uma breve análise de um dos principais grupos de dança da região: o Flor Ribeirinha.

Um dos primeiros passos para iniciar este trabalho foi a pesquisa bibliográfica sobre o santo que dá nome à festa. Após isso, foram feitas entrevistas com moradores da comunidade, e principalmente, com participantes do Flor Ribeirinha. Vale ressaltar que, além da Dança de São Gonçalo, principal atrativo da festa, também foram observados

¹ Mestranda de Estudos da Cultura Contemporânea, do Instituto de Linguagens da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso (UFMT) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT). Emails: giosants@gmail.com ou gio_laura@hotmail.com

outras manifestações culturais que integram esse festejo popular.

Pretende-se com esse trabalho, principalmente, analisar a tradicional Festa de São Gonçalo, bem como as transformações culturais ocorridas. Além disso, o estudo contribuíra para o desenvolvimento da minha Dissertação.

TRADIÇÃO ORAL EM SÃO GONÇALO-BEIRA RIO

A Dança de São Gonçalo, da comunidade de São Gonçalo Beira Rio, é realizada há mais de 50 anos e se mantém, principalmente, por causa da tradição oral que transmite as informações dessa manifestação; e, assim, contribui para a memória coletiva da comunidade. Por isso, são naturais as inovações desenvolvidas para preencher as lacunas do esquecimento; estas fazem parte da dinâmica cultural, que seleciona as informações ou as rejeita.

A tradição, dizia Ortega y Gasset, é uma colaboração que pedimos ao nosso passado para resolver nossos problemas atuais. Ele a entendia a partir dos modelos, normas, padrões veiculados pela memória e costumes coletivos. [...] Mas nenhuma compreensão pode ser total; nenhuma interpretação faz sentido, a curto prazo, em virtude de sua própria natureza fragmentária. É aqui que intervém, na história das gerações humanas, a função do esquecimento. [...] A memória do grupo [...] tende a assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração; ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida. [...] O uso que se faz da memória, neste ou aquele contexto social ou tecnológico, o gênero de funcionamento que neste caso o caracteriza, a idéia que disso formam os indivíduos, determinam em grande parte o tipo de cultura em questão. [...] Nossas culturas só se lembram esquecendo, mantêm-se rejeitada uma parte do que elas acumularam de experiência, no dia-a-dia. A seleção drena assim, duplamente, o que ela criva. (ZUMTHOR, **Tradição e Esquecimento**, 1997, pp. 13-16)

Zumthor (1997) atribui a memória-esquecimento duas funções ou dois níveis: a conservação de dados e o lugar das tensões criadoras. Nesse sentido, segundo o medievalista, a vontade de esquecimento é um mecanismo utilizado para excluir da tradição certos elementos da memória coletiva, indesejáveis para ela. “Memória e esquecimento são instrumentos conjuntos e indissociáveis de toda ação.” (1997, p. 20). A memória é resultado de uma constante tensão entre o que mantém a tradição e o que ela preferiu esquecer. É por isso que não se pode pensar em manutenção das tradições sem pensar em memória, nas suas formas de registro e na seleção do que se vai registrar. Desse modo, tanto a oralidade como a escrita são condições *sine qua non* para a

existência da tradição.

A manutenção, a transformação ou o desaparecimento de um enunciado ao longo do tempo, segundo Zumthor (1997), teria relação com a característica de seletividade que a memória possui, bem como a tensão entre o individual e o coletivo. Em locais de cultura tradicional a seletividade é peculiar a cada intérprete. O que se percebe é que, nesse processo, o passado, através da voz dos contadores, é constantemente rememorado e reconstruído a cada contar.

Em Tradição e Esquecimento, Zumthor² (1997) afirma que a memória alia-se a tradição no sentido de que ambas são coletivas e, de certo modo, instalam modelos, padrões, guardam experiências do grupo social e assim a “memória do grupo tende assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida” (1997, pp. 13-14).

A comunidade de São Gonçalo ainda conserva em sua cultura características que constituem valores transmitidos pela oralidade, pois são memórias que poderiam já ter seu fim se não fosse a utilização da voz como sistema comunicativo, permitido pela vida simples do cotidiano das pessoas. Assim, não se pode pensar em culturas orais isoladamente; é preciso levar em consideração que os processos culturais estão diretamente ligados à sociedade de que fazem parte.

Desse modo, é interessante estudar os processos por que passam as seguintes manifestações: Dança de São Gonçalo, Siriri e Cururu, para entender as práticas culturais dessa comunidade na sociedade contemporânea. É por meio da observação e das histórias presentes na memória coletiva da comunidade que se pode ver o quanto é dinâmico o processo de construção da identidade cultural.

SÃO GONÇALO BEIRA RIO: SUAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

A origem e o povoamento da comunidade de São Gonçalo Beira Rio, em Cuiabá, é datada a partir do século 18, quando as primeiras expedições de bandeirantes paulistas chegaram em Mato Grosso. A missão era capturar índios (Bororos), a fim de torná-los escravos. A comunidade foi um dos primeiros povoados de Cuiabá. Segundo relatos de moradores, a pequena imagem do santo que deu origem ao nome do bairro foi

2 Paul Zumthor estuda a memória em diferentes obras. Enfatizo o capítulo Memória e Comunidade, de A Letra e Voz: a literatura medieval (1995), e o livro Tradição e Esquecimento.

encontrada dentro do rio por um dos primeiros ocupantes da área. A partir dessa data o local passou a ter o nome que persiste até hoje.

De localização estratégica, à margem esquerda do rio Cuiabá, o primeiro povoado só veio a se concretizar com a descoberta das minas do Coxipó do Ouro, em meados de 1719, sendo denominado de Arraial de São Gonçalo Beira Rio.

Para assegurar o direito de posse da área, foi lavrada uma ata de fundação, no dia oito de abril de 1719. Neste período, a região detinha o porto que permitia a comunicação entre as minas e a Capitania. Por isso, próxima à barra do rio Coxipó, foi erigida uma capela dedicada a São Gonçalo.

Em 1914, foi montada nas proximidades do povoado, na margem direita do rio Cuiabá, a Usina de São Gonçalo, com produção de açúcar e álcool, que foi responsável pelo crescimento do pequeno núcleo, no qual os lavradores plantavam canaviais, cujo produto vendiam aos usineiros para o consumo nos engenhos. A decadência da produção açucareira de Mato Grosso na década de 1930, aliada à argila abundante acumulada nas margens do rio Cuiabá e nas várzeas, propiciou ao artesanato de cerâmica tornar-se o meio de vida de grande parte da comunidade.

No final da década de 1960, a comunidade foi incorporada à área urbana de Cuiabá, quando os técnicos da prefeitura promoveram a alteração de sua denominação de São Gonçalo Velho para bairro São Gonçalo Beira Rio. Neste período, diversas chácaras em torno de São Gonçalo foram loteadas, dando origem a novos bairros.

Ao final dos anos 1990, verifica-se uma preocupação, por parte do poder público e da sociedade civil, de revalorizar o patrimônio cultural construído em tempos passados. Como exemplo dessa preocupação, pode-se citar o tombamento municipal, em dezembro de 1992, que declarou o bairro de São Gonçalo área prioritária para o estímulo à produção e à comercialização da cerâmica artesanal, como uma das mais antigas e tradicionais manifestações culturais do município de Cuiabá, e a festa de São Gonçalo como manifestação popular de interesse para o patrimônio cultural do município de Cuiabá.

Desde os tempos do povoamento, o traço cultural já era forte na região. A presença dos índios Coxiponés ficou refletida nos traços dos moradores de São Gonçalo, nas rimas e músicas, na cerâmica, na pesca, no uso de plantas medicinais, na canoa feita de um tronco de árvore, na benzedeira, nas danças, dentre outros aspectos culturais que são mantidos até os dias atuais. Os bailados de cururu e siriri, as festas de santo e a arte oleira davam uma mistura peculiar a essa comunidade. Atualmente, a

população do povoado é de aproximadamente trezentos moradores, distribuídos em setenta famílias com algum grau de parentesco.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM SÃO GONÇALO-BEIRA RIO

As danças siriri, cururu e de São Gonçalo têm influência luso-indígena, que caracteriza o período da mineração em Mato Grosso e da influência paraguaia e boliviana nesta região (Diegues Júnior, Rosendahl e Corrêa, 2000).

A Dança de São Gonçalo

Realizada em Portugal desde o século 13, chegou ao Brasil no início do século 18, com os fiéis do santo de Amarante. Era antigamente realizada no interior das igrejas de São Gonçalo, festejada em 10 de janeiro, data de sua morte em 1259. Segundo Saléte Grando, a Dança de São Gonçalo foi trazida pelos portugueses para a região na época do Brasil Colônia, quando começou a colonização de Mato Grosso.

Na cidade do Porto, em Portugal, nas ocasiões de comemoração a São Gonçalo o festejo era chamado de Festa das Regateiras, pois participavam as mulheres que queriam se casar. A dança era realizada dentro da igreja, o que nos remete à Idade Média e Moderna em Portugal.

São Gonçalo é um santo português com culto permitido pelo papa Júlio III, em 24 de abril de 1551. Nascido em Tagilde, em 1187, estudou rudimentos com um devoto sacerdote. Depois, frequentou a escola arqui-episcopal em Braga. Após ordenado sacerdote, foi nomeado pároco de São Paio de Vizela foi a Roma e Jerusalém.

No regresso, São Gonçalo passou por um período de busca interior e encontrou na experiência popular a maneira de converter pecadores. Conta-se que São Gonçalo para reabilitar as prostitutas, vestia-se de mulher e dançava e cantava com elas a noite toda. Ele entendia que as mulheres que participassem dessas danças aos sábados não cairiam em tentação no domingo. Acreditava ainda, que com o tempo se converteriam e se casariam. São Gonçalo pregou e operou supostos milagres por todo o norte de Portugal. Sobre o rio Tâmega construiu uma ponte. São Gonçalo morreu no dia 10 de janeiro de 1259 em Amarante, no Douro, à margem direita do rio Tâmega, em Portugal.

Após sua morte, passou a ser protetor dos violeiros, remédio contra as enchentes, além de casamenteiro. Ele foi canonizado em 1561. O rei de Portugal D. João III, um

grande devoto, foi um dos primeiros a empenhar-se para a beatificação de São Gonçalo em Roma. Em Portugal a sua festa é realizada em Amarante, no dia 7 de junho e dedicam-lhe uma semana de festejos, com procissões, bandas de música, folguedos populares e outros.

Em algumas locais o santo (imagem) é representado da forma Católica, ou seja com a ausência da viola, no entanto as imagens do santo destinadas para o culto popular através da Dança de São Gonçalo é representada, na maioria das vezes de duas maneiras:

1. São Gonçalo do Amará (Amarante): É representado à moda das vestimentas camponesa portuguesa da época, ou seja: calção preso pouco abaixo do joelho, meia preta, bota braguesa (para andar em local úmido) chapéu na cabeça, capa azul nas costas e viola na mão. A justificativa encontrada para a representação do Santo com estas vestes, deve-se ao período que estava em construção uma ponte na região onde viveu, ele ajudava na construção e após ia tocar viola para a conversão dos “pecadores”, e não tinha tempo de trocar de roupa.

2. São Gonçalo Padre: É representado de batina, crucifixo no pescoço, chapéu de padre, sapatos (que não eram sapatos comuns, pois tinham pregos que furavam seus pés e servia de penitência durante a celebração de sua missa, onde cantava, tocava e dançava) e viola.

As Imagens de São Gonçalo, em sua grande maioria, apresentam fisionomia de alegria, que segundo o povo era a marca registrada de São Gonçalo. A dança de São Gonçalo pode ser encontrada em quase todo o Brasil, com variações coreográficas bastantes diversificadas, tomando diferentes formas de execução. O primeiro registro de uma festa de São Gonçalo na Bahia foi feito em 1718, na cidade de Salvador, pelo viajante francês Gentil de La Barbinais. A festa aconteceu na antiga igreja de São Gonçalo, no atual bairro da Federação, e reuniu o então Vice-Rei Marquês de Angeja, padres, fidalgos, mulheres e escravos que dançavam com muita intensidade.

A dança hoje é organizada em pagamento de promessa devida a São Gonçalo. O promesseiro é quem organiza a função, administrando todo o processo necessário à realização deste ritual. É realizada dentro de casa ou em local coberto, onde se arma um altar com a imagem deste santo e outros de devoção do promesseiro. Em frente a este altar é que se desenvolve toda a dança.

Os dançarinos se organizam em duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres, voltadas para o altar. Cada fileira é encabeçada por dois violeiros, mestre e

contramestre, que dirigem todo o rito.

A dança é dividida em partes chamadas “volta”, cujo número varia entre 5, 7, 9 e 21. Entre cada “volta” há interrupção e todos aproveitam para se servir das iguarias oferecidas pelo promesseiro.

As “voltas” são desenvolvidas com os violeiros cantando, a duas vozes, loas a São Gonçalo, enquanto dançarinos, sapateando na fileira em ritmo sincopado, dirigem-se em dupla até o altar, beijam o santo, fazem genuflexão e saem sem dar as costas para o altar, ocupando os últimos lugares de suas fileiras. Cada volta pode durar de 40 minutos a duas ou três horas, dependendo do número de dançadores. Na última “volta”, em São Paulo chamada “Cajuru”, forma-se uma roda onde o promesseiro a dança carregando imagem do santo, retirada do altar. Se houver mais de um pagador de promessa e mais de uma imagem, todos os promesseiros carregam simultaneamente as imagens. No caso de haver apenas uma imagem para vários promesseiros, o santo vai passando de mão em mão, enquanto os demais dançarinos agitam lenços brancos.

No Paraná, as “voltas” recebem nomes especiais, como “despontam”, “marca-passo”, “parafuso”, “confissão” e “casamento”. Em Minas Gerais é considerada dança de votos de solteironas que desejam se casar. A dança é desenvolvida por dez ou doze pares de moças, todas vestidas de branco, cada uma delas levando um grande arco de arame recoberto de papel de seda branco franjado. O movimento das rodas é ordenado pelo “marcante”, única figura masculina presente. Acompanhada pela música executada em viola, sanfona e caixa, a coreografia consta de evoluções com os arcos.

Em Alagoas, a dança incorpora elementos litúrgicos e as moças vestem-se inteiramente de branco. Formam duas colunas com seis pares que dançam acompanhadas pelos tocadores. Em Pernambuco, as moças vestem-se com saias azuis e blusas brancas. Na Bahia a indumentária é livre.

Em Sergipe, a tradição tem a referência do padre português que introduziu a dança como pretexto para atrair os infiéis à igreja, catequizando-os e incutindo-lhes a prática do casamento. O grupo é conduzido por um “mestre” tocador de viola, um “contra-mestre” que toca a “meia-cuia” e dois guias. A dança é executada em nove rodas, divididas em treze partes apresentando coreografias diferenciadas. A indumentária é livre. As danças ou rodas de São Gonçalo podem ser encontradas ainda hoje nos seguintes estados Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Piauí, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Em Mato Grosso, a dança volta-se para comemorar e homenagear o santo e não

somente para pagamento de promessas ou para moças solteiras.

Siriri

O siriri, um dos folguedos mais populares e antigos de Mato Grosso, é praticado nas cidades e principalmente na zona rural, fazendo parte da maioria das festas como: casamentos, batizados, carnaval, aniversários, bem como das festas tradicionais realizadas em louvor aos santos como: São Gonçalo, Santo Antônio, São Benedito, São João, Senhor Divino e muitos outros. Há alguns anos essa tradição fazia parte do dia-a-dia das pessoas. Era comum ver as crianças brincando de siriri nos fundos dos quintais e nas ruas, cantando as modinhas que aprendiam com os mais velhos. Atualmente, a dança é apresentada em festivais, hotéis, pousadas, órgãos públicos e outros locais.

O siriri é dançado por homens, mulheres e crianças, em roda ou fileiras formadas por pares que se movimentam ao som da viola de cocho, do ganzá e do mocho. A coreografia, muito variada e carregada de significados, segue a música e tenta traduzir em movimentos as mensagens simples e alegres.

Essa dança, juntamente com o cururu, são por excelência as danças populares de Mato Grosso, embora o siriri possa ser encontrado em outros estados do país, principalmente no nordeste, mas de forma bastante diferenciada, como roda infantil, muito comum entre as crianças.

Não se pode afirmar ao certo a origem do siriri, mas sim que a tradição cuiabana, como a de todo o Brasil, enriqueceu-se com a miscigenação indo-afro e do branco, refletindo em tudo a influência dos nossos antepassados e que hoje, com as características que se apresenta, evidencia um aspecto cultural de Mato Grosso.

Cururu

Realizado tanto em festas religiosas como em profanas, essa dança é um folguedo típico dos homens. O cururu consiste em, no mínimo, dois cantadores, sempre do sexo masculino: um tocando a viola de cocho e o outro o ganzá, ou os dois tocando viola. Mesmo quando o grupo de cururueiros é grande, cantam sempre em duplas, acompanhados pelo toque dos instrumentos de todos os participantes; o número de violas é sempre maior, pois o som do ganzá é muito alto.

Nem sempre o cururu é somente cantoria e dança. Há quem pratique o cururu até hoje, em forma de “porfia” (desafio), quando um cantador faz pergunta a um dos companheiros, desafiando seus conhecimentos em algum tema, principalmente bíblico.

Mas hoje o desafio não é tão usual.

FESTA DE SÃO GONÇALO

Assim como a maioria das festas de santos realizadas em Cuiabá, a Festa de São Gonçalo segue uma dinâmica ritualística, embora cada festa seja diferente em suas formas de organização e no desenvolvimento do processo de ritualização.

As festas de São Gonçalo ocorrem geralmente no dia 10 de janeiro, mas podem ser adiadas ou antecipadas em alguns dias para que coincida com um final de semana. Durante o dia os festeiros e a comunidade se reúnem para rezar em agradecimento e homenagem ao santo. Primeiramente, é feita a procissão e depois realiza-se a Missa. Logo após isso, os festeiros servem o tradicional chá com bolo, ofertado gratuitamente para comunidade. Mas é a noite que a festa realmente acontece.

Antes de iniciar a Dança de São Gonçalo, o ritual começa com o louvor ao santo diante do altar, ou seja, com a chamada “brincadeira do cururu”, como descreve Saléte Grando. Organizada pelos cururueiros e geralmente em duplas, a brincadeira conta um um cururueiro tocando ganzá, outro com a viola de cocho; assim vão adorando ao santo, até que todas as duplas façam uma cantoria e, em círculo, movem-se para que uma pessoa assuma a liderança do cururu (SALÉTE GRANDO, 2007. pg. 23).

Após esse começo, são distribuídas velas para os devotos. A nova fase do ritual é a inserção dos símbolos sagrados no mastro da bandeira do santo, depois o esperado levantamento do mastro e então a reza para o santo, com as velas apagadas. A seguir os curureiros retomam a cantoria e se inicia então a Dança de São Gonçalo.

Durante o início da festa, quando os ponteiros do relógio marcam meia-noite e passa a registrar os primeiros minutos do dia de São Gonçalo, 11 de Janeiro, começa a ser servida “a sopa do santo”, à base de carnes, verduras, legumes e macarrão. Essa mistura caudalosa de alimentos teria o poder de revigorar as energias daqueles que passaram o dia rezando, fazendo apresentações culturais e assim prepará-los para o baile que começa quase simultaneamente a ingestão do prato.

Contexto e Transformações

Ao longo dos anos, com as mudanças sócio-econômicas ocorridas na Comunidade de São Gonçalo, nota-se também transformações tanto na Festa de São

Gonçalo como nas danças tradicionais (dança de São Gonçalo, cururu e siriri).

O processo de transformação das festas expressam também mudanças nas relações entre capital e trabalho, nos meios de comunicação de massa e nas inúmeras formas de negação de suas identidades que o processo de globalização e padronização da cultura de consumo lhes impõem. Inclusive com novos padrões religiosos que [...] obrigam a negação das identidades coletivas e desqualificam de todos os elementos que os identificam com a cultura tradicional, cujas raízes são familiares e comunitárias, para produzir-se com uma nova identidade. (SALÉTE GRANDO, 2007, p. 23).

A presença de pessoas que não são da comunidade, como jornalistas, produtores e gestores culturais, pesquisadores, representantes de órgãos governamentais, é uma transformação que ocorreu nas festas dessa comunidade.

Outras modificações ocorridas são a apresentação de grupo infantil de Siriri e Cururu, que em 2009 foi a abertura das festividades. Segundo o coreógrafo, Avinner Augusto da Silva Albino, 17 anos, participante do Grupo Flor Ribeirinha e neto da presidente do grupo, este foi o primeiro ano que estão inserindo a dança infantil nas festividades. Coreografadas, essas crianças dão uma demonstração de como será o ápice das comemorações, que ocorrem à noite.

A festa que era típica da comunidade, hoje é divulgada pela Prefeitura de Cuiabá, trazendo turistas até do interior do Estado, tem caráter de espetáculo, com coreografia e ensaios antes da apresentação.

Outros elementos adicionados são vistos principalmente à noite, quando acontece a Dança de São Gonçalo. A decoração é um misto de festa de santo com festa junina (um dos elementos decorativos são as bandeirolas coloridas). A comida, que tradicionalmente era distribuída para comunidade, passa a ser cobrada (vale ressaltar que pela manhã o tradicional chá com bolo que é distribuído). Há pastéis, espetinhos, maria isabel com farofa de banana e outros pratos ou lanches. As bebidas são cada vez menos “cuiabaníssimas”; há Sminorff Ice, Cerveja (da marca que patrocina o evento; e inclusive oferta as cadeiras e mesas).

[...] momento de interação e troca importante do espaço democrático da festa é o jantar, que é oferecido gratuitamente a todos que participam. [...] para que a festa seja tradicional precisa ter uma boa comida, isto é, o tradicional ensopadão, sopão, além de licores e bebidas típicas geralmente feitos pela própria comunidade. A mais tradicional bebida oferecida aos curureiros durante a cantoria em louvor ao santo é o Aloá. Em algumas festas as comidas e bebidas servidas já não são as tradicionais. [...] As bebidas e comidas quando substituem as tradicionais trazem a dialética da realidade presente na festa, são elementos novos e velhos que circundam o espaço festivo. (SALÉTE GRANDO, 2007, p.

26)

Outros aspectos são a dança e a música que embala a festa. Há presença de duplas sertanejas e bandas; a comunidade é só um pano de fundo, pois após a Dança de São Gonçalo, a festa ganha caráter de baile e vai até o amanhecer, e os atores principais são os grupos musicais convidados.

Além das danças tradicionais, há também o baile após a partilha da comida. No momento do jantar, após os rituais [...], o baile assume totalmente o espaço profano da festa de santo. Uma banda local ou som mecanizado democratiza a diversidade de ritmos no espaço da festa. Novas danças possibilitam um diálogo entre as gerações, gênero, origens culturais e de classe. (SALÉTE GRANDO, 2007, p. 26)

De acordo com alguns moradores, até alguns anos – cerca de cinco a 10 anos – a cultura da comunidade, integrando as festas de santos e danças típicas, principalmente o siriri, estava sendo esquecida, “desaparecendo”. Para alguns moradores, como a líder do grupo Flor Ribeirinha, Dona Domingas, que é presidente da Associação dos Grupos de Cururu e Siriri do Estado de Mato Grosso, e o seu neto Avinner, as mudanças ocorridas ajudam a despertar a atenção do poder público, da sociedade cuiabana e até mesmo dos turistas.

Dona Domingas é Domingas Eleonor da Silva, uma das lendas vivas da dança popular mato-grossense. Considerada uma das mães do siriri, a cuiabana de 55 anos, que há 49 ajuda a manter a o folclore da região, nasceu na comunidade ribeirinha de São Gonçalo e foi a primeira mulher de Mato Grosso a tocar o tamborim e ganhou fama por enfrentar de igual para igual cururueiros em roda.

Segundo os que defendem as transformações, agora a cultura ribeirinha dessa comunidade não só é vista como também é valorizada e se mantém viva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura se desenvolve a partir da possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos para propagar essa oralidade, resultando em uma memória coletiva de uma determinada comunidade. A Comunidade de São Gonçalo Beira Rio, suas tradições e costumes, são exemplo disso.

Desse modo, a comunicação oral se torna, então, um processo essencial da cultura, ou seja, a linguagem é um produto da cultura; mas, ao mesmo tempo, não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema

articulado de oralidade. A invenção da escrita e a mudança de um estágio de consciência em outro provocam transformações profundas nos processos mentais e nas estruturas sociais.

Assim como a oralidade, a cultura não é fechada ou imutável. Para Clifford Geertz, a imagem de uma natureza humana constante, independente de tempo, lugar e circunstância, de estudos e profissões, modas passageiras e opiniões temporárias, pode ser uma ilusão. Ou seja, a cultura é dinâmica. E cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos.

Da mesma forma que é fundamental para humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do nosso sistema. Este é único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do provir. (LARAIA, 2004, p.101).

As transformações ocorridas na Festa de São Gonçalo fazem parte do caráter dinâmico da cultura, portanto são inevitáveis. Cabe a comunidade a tarefa de manter a tradição viva, independente das mudanças que, com o tempo, essa cultura terá.

Referências

ANDRADE, Julieta de. Pesquisa de Folclore no Mato Grosso. *Revista Cultura*, n. 25, São Paulo, 1977.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo, SP. Companhia das Letras, 1989.

Cadernos de Cultura – Siriri. Central de Texto. Cuiabá-MT, 2006.

Cadernos de Cultura – Cururu – Central de Texto. Cuiabá-MT, 2006.

FURASTÉ, P. A. *Normas técnicas para o trabalho científico*: Explicitação das normas da ABNT. 14ªed. rev. Porto Alegre. [s.n], 2006.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A 1989.

GRANDO, Beleni Salete. *Cultura e Dança em Mato Grosso*: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na Região de Cáceres. Cuiabá-MT: Central do Texto; Cáceres: Unemat Editora, 2005.

_____. *Corpo, Educação e Cultura*: Tradições e saberes da cultura mato-grossense. Cáceres, MT. Editora Unemat, 2007.

LAKATOS e MARCONI, Eva Maria e Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ONG, Walter. *Oralidade e Cultura Escrita*: A tecnologização da palavra. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP. Papyrus, 1996.

ROMANCINI, Sônia Regina. *Entre o barro e o siriri*: um estudo sobre o papel da mulher na cultura popular de São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá-MT. In: Espaço e manifestações culturais na região de Cuiabá, PROPEQ – UFMT/CNPq, julho de 2003 a julho de 2005.

_____. Paisagem e Simbolismo no Arraial Pioneiro São Gonçalo, em Cuiabá, MT. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, nº. 19-20, p. 81-87, Jan/Dez. de 2005.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. Heterogeneidade e transformação espacial no Brasil. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 9-10, jan./dez. 2000, pp.57-64.

ZUMHTOR, Paul. *A Letra e A Voz*: A “literatura” medieval. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 1993.

_____. *Tradição e Esquecimento*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. Editora Hucitec.

